

Robert

FUI COVARDE POR AMOR

ORIGINAL EM 3 ATOS DE ÉRICO CRAMER

(Para o dia 9.8.1959)

D I S T R I B U I Ç Ã O:

ARMANDO.....	ROBERTO LIS
ARAMINTA	ROSAMARIA
CONSUELO.....	MARIZA FERNANDA
FELIPE.....	MANO BASTOS
ALEXANDRE.....	SERGIO REIS
UMA VOZ	MOACIR RIBEIRO

FUI COVARDE POR AMOR

1º ATO

(Original em 3 atos de Erico Cramer)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Armando - (velho, narrando) Muitos dos que comentaram o meu crime, ao tempo em que o pratiquei, classificaram-me de covarde e eu não contestei esta afirmativa. Dizei, até, que concordo com ela, que fui realmente um covarde, mas... covarde por amor. Tivessem eles uma filha a quem amassem mais do que a tudo na vida e de repente sentissem que o seu futuro estava para ser destruído... Que não fariam eles para salvá-la? Talvez mais do que eu fiz. (TOM) Isto é... Mais eu não acredito ~~de~~ que alguém pudesse fazer, porque... porque eu fiz o máximo, mas eles fariam, com certeza, a mesma coisa que eu fiz. (TOM) Quando me lembro das notícias dos jornais... dos comentários... das suposições que faziam... (P.T.) E como andaram, todos, distanciados da verdade, nos seus variados disque-dique. (P.T.) Todos, sem exceção, julgaram-me um criminoso, e eu talvez tenha sido, mas nunca pelo crime a que me condenaram. Bem, mas eu não devo querer mal a eles pelo que fizeram. Quem sabe lá se também eu - como juiz de caso semelhante - não teria condenado o réu. Enfim... a injustiça que sofri na própria carne, serviu para me convencer que não podemos, nunca, ajuizar os atos dos outros, sem correremos o risco de nos tornarmos injustos. Bem, mas... eu nem sei mesmo a propósito de que estou falando estas coisas... (P.e T.) Ah, sim, lembrei-me agora... É que a notícia do casamento desta menina, sem que eu quizesse, veio revolver as cinzas de um passado adormecido. Adormecido sim, mas nunca esquecido. Lembro-me de tudo, como se tivesse acontecido ontem...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Armando - (moço) Fôste ao médico, querida?

Araminta - (sêca) Fui.

Armando - E que te disse êle?

Araminta - Deu-me a piór notícia do mundo.

Armando - (susto) Hein?! Que foi?

Araminta - (sêca) Disse-me que estou grávida.

OPERADOR - ACÓRDE EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Armando - (Surpreso e enlevado) Querida! Minha querida! Mas então... então tú consideras a isto ~~de~~ a piór notícia do mundo?!...

Araminta - (má vontade, sempre) Claro.

Armando - Mas por que? Por que?!...

Araminta - Óra por que! Que pergunta mais ingênua. Um filho poderá me escravizar a ti pelo resto da vida, o que sabes, de sobre, que eu não desejo em absoluta que possa acontecer. Quero continuar livre, entendes? Sem outro vínculo que me prenda a ti, sinão o do casamento.

Armando - Mas tú sabes, perfeitamente, que a vinda de um filho é a felicidade suprema para a minha vida e que eu estou disposto a oferecer-te tudo quanto exigires, desde que me concedas a realização dessa esperança.

Araminta - (na verdade) E que poderás tú oferecer-me que chegue a compensar as algemas com que me aprisionas?

Armando - O que quiseres... o que sanhares... o que pedires...

Araminta - Preferia livrar-me desse compromisso tremendo.

OPERADOR - ACORDE AGUDO EM FUNDO, SEM CORTAR.

Armando - (quasi num grito, choque brutal) Não!... Por favor, não!... Não digas isso que me enlequeces! Então Deus corça o nosso amor com a mais bela das bênçãos e tú te amarguras por recebê-la e ainda falas em livrar-te dela?

Araminta - (amarga, ponta de ironia) O nosso amor! Quem te ouvir falar assim pensará que nos casamos por uma paixão de romance. E no entanto... tú não tens o direito de falar desse modo porque eu nunca te enganei. Sempre te disse a verdade, nua e crua. Casaste comigo sabendo que eu não te amava; que apenas cedias às tuas insistências. A qual foi a condição imposta por mim para aceitar-te? Vejamos se a recordas.

Armando - Que se um dia te arrependesses de haver cedido às minhas cantilenas, não se dia me abandonarias, sem qualquer explicação e sem que me coubesse o direito de procurar-te para esclarecimentos.

Araminta - Exatamente. E tú concordaste com todas as minhas imposições, oferecendo-me mais, até: disseste que me darias a metade da tua fortuna e dia em que quisesse voltar a ser livre. Foi ou não foi verdade o que digo?

Armando - Foi verdade, sim. Eu tinha tanta certeza de que te faria feliz, que cheguei a esse extremo. E eu tenho sido um bom marido; não tenho? E tú tens sido feliz a meu lado; não tens?

Araminta - Até certo ponto, sim. E digo-te mais: acredito que poderás chegar, algum dia, a ser completamente feliz a meu lado, mas eu queria que isso acontecesse espontaneamente, entendes? Naturalmente. Sem nada que me obrigasse a seguir uma determinada linha de conduta.

Armando - Mas tú podes acreditar que Deus nos mandou esse filho para que também tu pesses experimentar, mais tarde, a felicidade que eu experimentei desde o instante em que me casei contigo.

Araminta - Foi com uma convulsa semelhante que tú quebraste, um dia, a minha resistência para o casamento. Não duvide nada que agora me convences, também, a aceitar a pesada cruz da maternidade.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA

Armando - (velho, narrado) É realmente assim foi. À força de falar no assunto, dia após dia, acabei por convencê-la. Consuelo veio ao mundo para júbilo de minha alma e foi tudo para mim, na vida. Para minha mulher, no entanto, foi muito diferente. Araminta não quis se prender à filha e com medo de que ela pudesse conquistá-la, ausentava-se de casa o maior tempo possível, dedicando-se, de corpo e alma, a um grupo de amigos da sociedade, tão vazio de espírito como de sentimentos. Certo dia, quando a menina já estava com quatorze anos feitos, cheguei em casa um pouco mais cedo do que de costume...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA

Armando - (moço) Sua mãe ainda não veio, querida?

Consuelo - (quatorze anos) Não paizinho, ela nunca volta cedo para casa. O senhor é que veio antes do que é seu costume. Por que?

Armando - É que eu estou muito resfriado, a temperatura está caindo muito, eu achei conveniente recolher-me mais cedo.

Consuelo - Quer que lhe faça um chá para o senhor tomar com um comprimido, paizinho. Eu sei fazer.

Armando - Não, filhinha, obrigado. Antes de deitar, o paizinho aceita que você lhe faça o chá, agora não. O paizinho vai ler um pouco, até que sua mãe volte, depois vai jantar, e depois de um serãozinho de rádio ou de eletrola, aí então é que ele vai tratar de se medicar.

Consuelo - Mas aí eu já estou deitada e não posso fazer o chá para o senhor.

Armando - Você pode deixá-lo pronto, antes de deitar-se.

Consuelo - Mas esfria, paizinho e quando o senhor for tomá-lo não faz efeito. Os chás de remédio devem ser bem quentes.

Armando - Não tem importância, a sua mãe esquece-o no momento em que eu deva tomá-lo.

Consuelo - É, só fazendo assim. De outro jeito não dá.

Armando - Que é que você está fazendo? Estudando?

Consuelo - É, paizinho, estou preparando meus deveres de amanhã. Como vi, da janela, que o senhor estava chegando, vim dar-lhe um beijo de boas vindas.

Armando - Tú és um encanto, minha querida! Ah que se não fosses tú, a vida do pai seria vazia e sem colorido! Tú és o orvalho que refresca e alenta a relva crestada pelos rigores de um sol inclemente. És bálsamo, luz, alegria

to e esperança. (TOM) Mas vai, querida, vai. Vai terminar os teus deveres antes que tua mãe chegue e se aborreça pelo fato de os teus interesses interrompidos.

Consuelo - Eu vou, sim, Paizinho, mesmo porque, agora, a mãe já não deve demorar e com certeza vai querer jantar logo para fazer qualquer outro programa à noite.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA

Armando - (Velho, narrando) Enquanto Consuelo voltava aos seus livros e seus cuidados, eu me recolhia ao meu gabinete, de cuja janela podia dominar todo o jardim e o seu portão de entrada. Depois de haver folheado um livro de Papini que se achava sobre o meu bureau, a claridade de um corisco atraiu minha atenção para a janela, até onde fui, e me deixei ficar, observando o céu que prenunciava uma forte tempestade. Dispunha-me a recolher-me, quando notei que um automóvel parava à frente do portão de acesso ao nosso jardim. Sem que saiba explicar as razões do meu procedimento, apressei-me em apagar a luz do gabinete e postar-me novamente a observar os movimentos lá fora. Um rapaz, moço e elegante, desceu do carro, fez a volta e foi abrir a porta do outro lado, esperando Araminta que desceu lentamente e permaneceu recostada ao braço dele, sem mostrar a menor pressa ^{por} desvencilhar-se. Quasi uma hora depois, quando ele foi embora e ela subiu...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA

Armando - (moço) Quem era esse rapaz que te trouxe de automóvel?

Araminta - É filho de um diplomata chileno que faz parte do nosso grupo de jogo.

Armando - É... é relação antiga, ou... bem, eu... quer dizer...

Araminta - (na segunda reticência corta) Já sei. Naturalmente visto, da janela, que ele me ofereceu seu braço ~~para~~ descer e talvez tenha te desagradado o seu modo... digamos... um tanto desembaraçado, não é isto?

Armando - Não, não... não foi propriamente o desembaraço dele que me desagradou. Foi a sua intimidade.

Araminta - Ora que tolice, Armando, francamente! Nam parece que estás habituado, tá também, a lidar com estrangeiros. Eles são todos assim. Segurar a mão de uma senhora e mantê-la segura é, para eles, a coisa mais natural deste mundo. É uma galanteria, um gesto de fidalguia, digamos.

Armando - E... beijá-la muitas vezes, desde as pontas dos dedos, até quasi o cotovelo... será também um gesto de fidalguia? Não me parece. Pelo contrário

Penso que um homem, verdadeiramente fidalgo, não compromete, até a esse ponto, uma senhora casada.

Araminta - Bem se vê que você não está habituado com os costumes em uso na sociedade. Também pudera... Vive tão afastado. Não há quem o convença a comparecer a um joguinho de canastra, a uma reunião do Country, a um serão musical em casa de um dos nossos amigos... Vive como bicho de concha, para depois se surpreender e desagradar com as coisas mais comuns do nosso meio.

Armando - Ouça, Araminta, é inútil que você procure me convencer de que as coisas que eu hoje presenciei, através daquela janela, sejam comuns e normais no meio da gente em que você vive. Para mim, tanto os seus gestos como os do rapaz, foram por demais suspeitos, e uma mulher que se preza não tem a coragem de esboçá-los.

Araminta - (calma, mas queimada) Armando, você veja bem o que está me dizendo. Você não está medindo o sentido das suas palavras. O sentido e o alcance.

Armando - Da mesma maneira que você não mediu o sentido e o alcance do seu gesto, deixando-se beijar à porta da sua casa por um fedelho que pode ser seu filho.

Araminta - (atingida, revoltando-se) Armando, você veja lá como fala. Se a sua intenção é chamar-me de velha, não me considero atingida, está ouvindo?

Armando - A minha intenção é lembrar-lhe que você é uma senhora casada, que tem uma filha quasi moça e se o nome do marido não lhe merece carinho ou respeito, o futuro de sua filha deve lhe merecer, pelo menos, cuidado.

Araminta - Você não tem nenhum direito de pretender cercar a minha liberdade, valendo-se do nome de sua filha, porque você sabe muito bem que eu nunca a desejei.

Armando - Sei, mas uma vez que concordou em que ela viesse ao mundo, agora não tem o direito de colocar as suas levandades à cima dos interesses de sua filha. Você então não compreende que um menino, como esse que veio trazê-la, só poderá pretender explorá-la ou jogá-la ao ridículo?

Araminta - (forte, queimada) Não é verdade.

Armando - Você nunca foi uma mulher tola, Araminta; terá se tornado ingênua depois de madura? Que pode pretender de você um pirralho daqueles?

Araminta - (indignada, procurando vingar-se) Ele me ama, ouviu? Ele me ama! E si era isso que pretendia ouvir de mim, aí o tem.

Armando - Ele a ama! (começa a rir, descrente) Que tola que você é! (começa a rir mais) Palavra de honra que se deu a si mesma a sua falta de inteligência

do que propriamente a sua falta de dignidade. (ri novamente)

Araminta - (sempre muito queimada) Você está rindo, é? Você não acredita que eu esteja lhe dizendo a verdade? Pois então ria. Pode rir. Ele mesmo vai encaminhar ~~propor~~ meu pedido de desquite, para depois casar-se comigo no Uruguai. *(continua a rir)*

OPERADOR - ACÓRDE AGUDO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Armando - (Parando de rir bruscamente, depois de pausa) Que foi que você disse?! Você... você está pensando em desquitar-se de mim?!

Araminta - Estou, por que?

Armando - Não ~~creio~~ Não posso ~~acreditar~~ ^{creer}. Não lhe acredito capaz da tamanha loucura. Você, naturalmente, está dizendo isso para ferir-me.

Araminta - Estou dizendo a você o que está para acontecer, nada mais.

Armando - Mas a sua filha, Araminta? Você não pensou nela?!...

Araminta - Ela ficará muito bem com você, tanto mais que nunca chegamos a nos entender, *as duas*.

Armando - Ela ficará muito bem comigo, eu sei, mas não é disso que se trata, criatura. Você já pensou no escândalo tremendo que será a nossa separação e o seu casamento no Uruguai com aquele fedelho? E já pensou no prejuízo que tudo isso poderá trazer, mais tarde, à menina? Isso poderá, inclusive, anular-lhe os seus sonhos de felicidade.

Araminta - Isso será um problema dela e não meu.

Armando - (forte) Engana-se. É um problema muito mais nosso do que propriamente dela. E sabe por que é mais nosso? Porque temos deveres para com nossa filha. Temos, entende? Eu e você. E o nosso dever principal é preservar o seu nome para que ele não venha, um dia, ~~a causar-lhe a sua infelicidade~~.

(T) Você vai pensar no que eu estou lhe dizendo e vai abandonar essa ideia louca de *deixar* o seu lar, para atirar-se numa aventura cujo resultado qualquer ignorante poderá prever.

Araminta - Armando, você, uma vez, combinou comigo que se um dia eu chegasse a amar um outro homem, que usaria de toda a franqueza com você e que você não só me daria no mesmo instante a liberdade, como me entregaria a metade da sua fortuna, em pagamento dos anos de felicidade que eu lhe tivesse proporcionado. Não foi assim?

Armando - Sim foi, mas isso estaria muito bem, se fosse apenas eu o prejudicado. Uma vez, porém, que o prejuízo vai atingir também nossa filha, eu não posso mais considerar a promessa que ~~eu~~ fiz.

Araminta - Mas acontece que, a esta altura dos acontecimentos, eu já não posso dis-
pensá-la. Amo Alexandre e não me sinto com forças de viver sem ele.

Armando - E si eu não quiser conceder-lhe o desquite? Se eu não quiser dar-lhe
a liberdade?

Araminta - Você quer mesmo saber o que farei?

Armando - (depois de pausa) Diga.

Araminta - Eu me tornarei amante dela!

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA.

Araminta - (Depois de pausa) Agora diga: que prefere você que eu faça?

OPERADOR - CONTINA MUSICAL PARA ENCAMENTAMENTO DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO SEGUNDO ATO.

Armando - (velho, narrendo) Não houve conselho nem argumento que fôsse capaz de
fazer com que Araminta desistisse da sua ideia nefanda. Durante quasi
dois meses o assunto foi debatido por nós, dia após dia, sem que conse-
guíssemos chegar a qualquer acôrdo. Eu tinha, dentro d'alma, o desespe-
ro atroz dos que se veem perdidos e não encontram, ao redor de si, uma
única táboa de salvação. E eu sofria não somente por Consuelo, mas
tambem por Araminta a quem, apesar dos pezares, ~~eu~~ amava com desespe-
ro, e não desejava perder. No dia seguinte, na esperança de que ela es-
tivesse mais calma e que a noite lhe tivesse permitido considerar me-
lhor o assunto, muito antes da hora do almoço fui procurá-la nos seus
apartamentos. Recebeu-me de testa franzida e de pé atrás. Procurei logo
amacia-la, dizendo-lhe, de chegada, que levava comigo as melhores dis-
posições.

OPERADOR - CORRÍDO DE HARPA.

Araminta - Por que insistiu em falar-me tão cedo, quando apenas levantei de uma
noite mal passada?

Armando - Porque estou arrependido das palavras ásperas que ontem lhe dirigi e
desejo entender-me com você em melhores târmas.

Araminta - Você acredita, sinceramente, que ainda possa existir um entendimento
entre nós, depois de tudo que dissemos um ao outro?

Armando - E por que não? Basta que deixemos de lado as expressões amargas de que
ontem nos utilizamos e pensem, um no outro, com maior compreensão e
boa vontade. Afinal... somos marido e mulher e como tal devemos querer
-nos e respeitar-nos. (TOM) Eu estou arrependido das palavras amargas
que lhe dirigi, Araminta e quero, de coração, que você me desculpe ty

do *quanto lhe disse.*

Araminta - Tudo o que? Você, afinal, não me disse nada... Eu é que lhe disse que estava disposta a separar-me de você para casar com Alexandre.

Armando - Pois é sobre isso, exatamente, que desejo falar-lhe. (Pausa) Você... você ainda está fixo nessa ideia?

Araminta - Estou.

Armando - (calmo, conciliador) Mas Araminta, você não pode pensar apenas no seu capricho. Precisa pensar em nós, no nosso lar, na nossa filha, no escândalo que a sua atitude provocará numa sociedade que não perdôa ninguém... Nos compromissos que você assumiu comigo e com ela...

Araminta - Por que motivo apenas eu devo manter os meus compromissos e você não?

Armando - Como assim? Não entendo o que você quer dizer...

Araminta - Eu lhe farei entender. Não combinamos que o dia em que eu viesse a gozar de alguém que você me libertaria no mesmo instante? Como é que você, agora, pretende negar-me um direito que já me havia concedido?

Armando - O nascimento de nossa filha modificou por completo quadro dos nossos deveres, obrigando-nos a encarar a vida por um prisma totalmente diverso.

Araminta - Ai está o que sempre me pareceu. Nossa filha foi uma chantagem que você fez comigo.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA.

Armando - Araminta! Você tem a coragem de dizer uma coisa dessas?!...

Araminta - Tenho, porque digo a verdade, pura e simplesmente. Nossa filha foi uma chantagem que você fez comigo para *podés* fugir aos compromissos assumidos antes do nascimento dela.

OPERADOR - REPETE O ACÓRDE, SEM CORTAR.

Armando - Não considere a pobrezinha como objeto de torpeza *Tão grande,* pelo amor de Deus! Não pensei n'outra coisa, quando você me deu a notícia *de* que estava grávida, sinão na alegria e na felicidade do meu coração quando pudesse estreitar nos meus braços o fruto do nosso amor.

Araminta - Nosso amor! *nosso amor!* É você, ainda hoje, continua a insistir em classificar dessa forma uma união onde o amor foi unilateral. Você não pode dizer "nosso amor" porque si eu não o amava quando me casei, muito menos o amo agora que dei a outro o meu coração.

Armando - Araminta, não se deixe afrestar por essa insensatez. Aquilo menino não pode amá-la com sinceridade. O que ela quer, simplesmente, é destruir o nosso lar para poder dizer, depois, que uma mulher casada abandonou o seu

... para se desiludir dele é... e ter a certeza de que ele não merece
que você nos abandone; Você o receberá aqui mesmo, em nossa casa, um
mez, dois mezes, três, os que forem necessários para que você se desiluda
depois de dois ou três mezes.
Uma vez ~~que~~ isto acontecer, você estará curada dessa loucura que a
assaltou e sua filha não ficará exposta aos comentários e prejuízos
decorrentes da sua levandade. É isso que eu, principalmente, quero evi-
tar entende? Se você sair de casa, se souberem que você me abandonou
por amor a outro homem, se souberem que você passou a viver ao lado de
de como sua amante, abandonando a casa, a filha, o marido, a posição
social, tudo... no dia em que a nossa filha gostar de um rapaz, haverá
sempre a oposição da família dele e a dúvida do próprio rapaz. "Será que
ela não fará um dia o que fez a mãe?" A família dele, por seu turno,
lhe dirá: "tem cuidado, meu filho. Tal mãe, tal filha. Olha o que ela
fez. Cuidado!" É horrível ter ~~que~~ pensar que isso poderá suceder um
dia para a minha querida Consuelo. Não, Araminta, não. Não saia de casa.
Fique aqui dentro, para que ela seja poupada. Engane-me quanto quiser.
Todos os dias, todas as noites, todas as horas... mas não saia daqui
para que ninguém saiba e para que ninguém possa pensar, um dia, que a
minha querida filha seja capaz de fazer o mesmo! (Chora um instante.
Pausa e tom) Você ficará, não é Araminta? Você não irá embora, não é
verdade? Você fará isso para preservar sua filha da maldade do mundo,
não é assim? (Pausa longa) Fale, Araminta, fale! Eu quero que você diga
alguma coisa. Que me dê ao menos a esperança de que irá pensar na pro-
posta que lhe fiz. (Pausa longa) Fale, Araminta, fale, pelo amor de
Deus! Eu estou sofrendo tanto... tanto... não prolongue por mais tempo
esta minha agonia! Se você ficar, ainda que desrespeitando o meu nome
e a minha dignidade, eu me atirarei aos seus pés para beijá-los. Você
fica, Araminta? Fica?

Araminta- (depois de pausa, fria) Você... você pensou bem na proposta que me fez?
(Pausa) Tem certeza de que não se arrependerá? Sente-se com capacidade
suficiente para ser traído dentro da sua própria casa, sem levantar um
braço para vingar-se? Sente-se com a coragem necessária para portar-se
diante do sedutor de sua esposa como um cavalheiro e tratá-lo com urba-
nidade? Vaja bem que nada disso deve ser fácil para um homem.

Armando - Eu sei. Eu sei que serão amargas e dramáticas as horas de minha vida futura, mas não hei de ser eu que me pouparei, sacrificando o futuro de minha filha. Hei de recebê-lo, sempre, com um sorriso nos lábios, para que ele pense que eu ignoro a razão das suas visitas e sinta, ainda mais saboroso, o gosto da sua traição. Todos hão de pensar que somos grandes amigos e diante das minhas atenções para com ele, ninguém suspeitará da verdade e minha filha estará salva.

Araminta - Bem... eu não seria capaz nem de pensar numa indignidade tão grande como essa que você me propõe, mas uma vez que é você mesmo quem prefere que eu proceda assim...

Armando - Por nossa filha, entenda? Por nossa filha. Para salvá-la, é necessário que seja assim.

Araminta - Está bem. Aceito então a sua proposta e ficarei.

Armando - Obrigado, Araminta. Eu lhe agradeço muito, pode...

Araminta - (corta) Espere. Deixe-me terminar de falar. Eu fico, mas imponho ainda uma condição.

Armando - Uma não. Todas. As que você quiser.

Araminta - Se você maltratar Alexandre ou fizer cara feia para ele, no mesmo instante eu abandono esta casa e ninguém mais me trará de volta.

Armando - Não farei cara feia. Juro-lhe que não farei. Hoje mesmo começarei a entregar o meu melhor sorriso para recebê-lo.

Araminta - Muito bem. Então estamos entendidos. Agora saia que eu preciso tomar meu banho e preparar-me para o almoço.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Armando - (velho, narrando) E conforme prometiera, portei-me com um estoicismo admirável na presença do homem que se traía miseravelmente, pisoteando o meu nome e a minha dignidade. Um mês, dois meses, três, cinco, dez, doze, dezoito meses e eu quieto, sofrendo em silêncio, esperando sempre que o rapaz saísse, para sair depois, afim de que não se dissesse, lá fora, que me estivera sozinho em casa com a minha mulher. Escondendo sempre, acobertando, tomando parte naquela infâmia, para que não transpirasse, na rua, a miséria moral que vivia dentro da minha casa. Quando estava para fazer dois anos que vivia mergulhado naquela dolorosa tragédia, uma tarde recebo, no meu escritório, a visita de um amigo.

OPERADOR CORRIDO DE HARPA

Armando - ^{Olá!} (moco) A que devo este prazer tão grande da sua visita, meu caro Felipe?

Felipe - A um assunto muito grave e profundamente desagradável para mim, mas ao qual não me parece lícito fugir, uma vez que somos amigos de tantos anos.

Armando - Você me assusta, Felipe! Que aconteceu?

Felipe - Não haverá perigo de que alguém nos ouça?

Armando - Não, Pode falar em secreto. E não me faça esperar muito tempo.

Felipe - (depois de pausa) Armando, eu sei que é muito desagradável a qualquer pessoa ouvir o que eu vou ser obrigado a dizer-lhe, mas a verdade é que, se não procedesse assim, não ficaria descansado com a minha consciência.

Armando - (afrito) Fale de uma vez, Felipe, pelo amor de Deus! Não me torture mais.

Felipe - Está bem, seja. (Pausa e tom) Armando, você não pode continuar permitindo que Alexandre Benites permaneça frequentando a sua casa.

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR.

Felipe - (depois de pausa) Você... você não ouviu o que eu disse, Armando?

Armando - (depois de pausa) Você disse...

Felipe - (pausa breve) ... que você não deve permitir que Alexandre Benites continue frequentando a sua casa.

OPERADOR - REPETE O ACORDE, SEM CORTAR.

Armando - (medo) Mas... mas por que? Que aconteceu?

Felipe - Ele é um rapaz sem nenhum critério nem dignidade. Um rapaz de mau caráter que é um verdadeiro perigo ao bom nome de um lar e dos seus...

Armando - (corte, nervoso) Mas que fez êle, afinal? Eu quero fatos, Felipe, fatos. Eu quero saber o motivo pelo qual você vem me dizer essas coisas todas.

Felipe - Ele disse ao meu sobrinho Renato uma coisa que me custa repetir a você, mas que me parece absolutamente necessário que você tenha conhecimento. Disse que frequentava a sua casa por dois motivos, apenas: primeiro por que explorava sua gigolô de dona Araminta.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A GEMA.

Felipe - E segundo porque esperava, a qualquer momento, poder Conquistar a sua dar o bote na sua filha.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A GEMA.

Felipe - (depois de pausa) É claro que nós não acreditamos nas infâmias com que êle pretendia atingir sua esposa, principalmente porque sabemos que você estava sempre em casa quando ele ia visitá-la, mas a verdade é que se ela repetir isso a pessoas que não conheçam os hábitos de vocês e a respeitabilidade da sua esposa... poderá causar-lhes sérios prejuízos.

zos. Além disso... as intenções que ele manifestou sobre a sua filha, estão a reclamar uma providência enérgica e imediata. Foi essa, ainda, a razão maior que me fez tomar a deliberação de avisá-lo. Espero que você me perdôe o desgosto que lhe cause e compreenda a minha intenção que é das melhores. Estou apenas procurando abrir os seus olhos, para que você se aperceba do canalha que recebe em sua casa. (Pausa longa)

Armando, você... você ouviu o que eu lhe disse?

Armando - (depois de pausa, abafado) Ouvi.

Felipe - Tudo mesmo? Com referência à sua mulher e à sua filha?

Armando - (idem) Sim.

Felipe - E não tem nada para me dizer? (Pausa) Não me censura, ou me agradece?

(Pausa) Fale, pelo amor de Deus! Diga o que é que você está pensando.

Armando - Que vou tomar providências hoje mesmo.

OPERADOR - MUSICA PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - MUSICA PARA ABERTURA DO 3º ATO.

Armando - (velho, narrando) Saí dali desatinado e disposto a tomar realmente qual-
quer providência. Qual seria ela, nem eu mesmo, ao certo, sabia. O que sabia
era que qualquer coisa, fôsse lá o que fôsse, eu estava disposto a fazer.
Pensava nas palavras de Felipe e uma onda de indignação e de revolta ~~surta~~
enroscava-me os póros e fervia na minha cabeça.

Felipe - (2º plano) Disse que frequenta a sua casa por dois motivos: primeiro por
que ^{explora} o sigilo da dona Araminta e segundo porque espera, a qualquer momento,
poder ^{conquistar} dar o nome à sua filha.

Armando - Era, sem dúvida, o segundo motivo, o que verdadeiramente me indignava.
Então não bastava àquela terrível canalha sujar o meu nome com a lama da
deshonra, fazendo-se amante de minha mulher e ainda pretendia desgraçar-
me a filha? A filha que eu amava mais que a tudo neste mundo e por quem
me sujeitara a tudo, até mesmo ao ignóbil e repugnante papel de marido
enganado e consciente? Não, não, também assim não. Pois se fôra para
salvar a reputação de minha família e com o fim exclusivo de não prejudicar
o futuro de minha filha que eu me sujeitara a toda aquela miséria moral,
como tolerar que o mesmo nome que pisoteara a minha dignidade, pisoteara
também os meus sentimentos de pai amoroso? (Pausa e tom) Entrei em casa
narvoso e agitado e dirigi-me diretamente ao quarto de minha filha, com a
que pretendia falar sobre o assunto, antes que a mãe tivesse conhecimento

dêle. Aconteceu, no entanto, que, ao passar pela biblioteca, ouvi vozes alteradas que discutiam. Perei a escutar.

OPERADOR - CORAÇÃO DE HARPA

Consuelo - Por que motivo a senhora se opõe de tal maneira ao meu namoro com Alexandre? Si ele não fôsse um bom rapaz não seria seu amigo e nem papai o receberia em nossa casa como o recebe.

Araminta - Você não quer compreender as coisas. Eu já lhe expliquei que há rapazes que são excelentes amigos, mas que não se os deseja para mais do que isso. É o caso de Alexandre. Como amigo, ou melhor, para amigo ele é muito bom, mas tanto eu como seu pai desejamos para você um homem que seja realmente um homem. Que tenha posição social, posição financeira, que tenha capacidade para assumir sobre os seus hombros a responsabilidade de um lar, sem depender de ninguém e sem contar com outros recursos que não sejam verdadeiramente os seus.

Consuelo - E a senhora sabe si ele não poderá fazer tudo isto?

Araminta - Claro que sei e se não soubesse nem se justificava a minha oposição.

Consuelo - Mas como é que a senhora sabe, afinal? A quem a senhora se dirigiu? A quem perguntou? Quem lhe deu informações?

Araminta - Menina, eu sei como faço as coisas e porque as faço, ouviu?

Consuelo - E eu também sei porque a senhora as faz. Alexandre me contou tudo.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CONTAR A CENA

Araminta - (choque) Hein?!... O que foi que tú disseste?

Consuelo - Que Alexandre me contou a razão porque a senhora se opõe ao nosso namoro.

Araminta - Mas como assim, si ele nem sabe que eu me oponho?

Consuelo - Sabe, sim, porque eu mesma já disse tudo a ela.

Araminta - (depois de pausa) Bem, e... que foi que ele disse a você, finalmente?

Consuelo - Disse que a senhora não quer permitir no nosso namoro porque gosta d'ele.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CONTAR.

Consuelo - (Pausa) Vamos, diga alguma coisa. Por que não se defende da acusação?

Araminta - Você disse uma coisa tão fora de propósito, que me deixou tonta. Eu nem ~~me~~ posso acreditar que Alexandre tenha dito uma coisa dessas...

Consuelo - A senhora duvida, não é? Pois eu também duvidei quando ele me disse. E sabe o que me respondeu? Vou trazer dois bilhetes de sua mãe que não de afastar qualquer dúvida do seu espírito.

OPERADOR - ACORDE AGUDO EM FUNDO, SEM CONTAR

Araminta - E... e você viu esses bilhetes? (medrosa) Ele trouxe? Mostrou a você?

Consuelo - Vai ~~mostrar-me~~ *mostrar-me* esta tarde. Aliás, já falou comigo pelo telefone e me disse

que me esperava às *dezoito* horas na confeitaria Primavera para tomarmos o aperitivo juntos e que os bilhetes já estavam no bolso dele afim de que eu pudesse avaliar bem qual é a senhora.

Araminta - Mas você não vai sair para se encontrar com ela porque seu pai não quer.

Consuelo - Vou, porque ninguém mais me impedirá de conhecer a verdade. Ninguém.

Araminta - Nem mesmo seu pai?

Consuelo - Não. Nem mesmo seu pai. Aliás, Alexandre me falou também umas coisas a respeito dela que eu preciso, depois, tirar a limpo.

OPERADOR - ACONDE AGUDO, SEM CORTAR.

Consuelo - E se tudo quanto ele me disse for verdade... ninguém mais terá autoridade para pretender impedir que eu me case com ele ou que o siga até mesmo sem casar si for esse o desejo dele.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA

Armando - (velho, narrando) Ao ouvir as últimas palavras de minha filha o sangue subiu-me a cabeça e, antes que alguém ^{me} tivesse visto, tratei de sair de casa a dirigir-me ao encontro do canalha na Confeitaria Primavera. Ele chegou antes dela, de modo que foi fácil arrastá-lo dali até ao meu escritório, prometendo-lha que o deixaria livre em quinze minutos. Embora ele tivesse relutado em acompanhar-me, *Armando - Ele com um negócio excepcional, conseguiu convencê-lo.* ~~ele acabou mesmo insistindo que~~ Chegamos ao ponto de destino...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Alexandre - O senhor disse que tinha um ótimo negócio para mim e a curiosidade fez com que eu ~~me~~ desviasse do compromisso de esperar uma senhora às dezoito horas na confeitaria. Se pudermos resolver o assunto num quarto de hora, eu chegarei atrasado mas ainda em tempo de desculpar-me.

Armando - O negócio pode ser resolvido em cinco minutos até, desde que entremos logo num acordo.

Alexandre - Muito bem. Vejamos, então. Que espécie de negócio é?

Armando - Eu quero comprar dois bilhetes que estão no seu bolso e desejo saber por que preço você os venderia.

OPERADOR - ACONDE AGUDO, SEM FURDO, SEM CORTAR.

Armando - (depois de uma pausa) Vamos, fale. Pode dizer o preço que pretende.

Alexandre - (refazendo-se, cínico) E si eu lhe disser que não me desfarei delas por preço nenhum?

Armando - Eu lhe direi que os tomarei pela força, porque sei, perfeitamente, o que você pretende com elas.

estão aqui... conheci logo a letra. (Pausa e tom de Ásco) Homem sujo! Homem podre! Eu te avisei que não era o carneiro manso que tu imaginavas. Tí duvidaste da minha força. Da força do meu amor pela minha filha. Aí tens o resultado. Crês, agora? Crês que eu ainda tenho, dentro de mim, a força suficiente para salvá-la do escândalo e da desgraça? Nunca mais duvides do amor de um pai, ouviste? ^{Crêste?} Tí não sabes a força que ele tem. isto é, não sabia, porque agora ficaste sabendo.

(gargalhadas até o sinal para o contra regra bater) (na la. Batida, para

CONTRA REGRA - BATIDAS DE PORTA EM TERCEIRO PLANO.

VOZ - (do fundo) Seu Armando, seu Armando, o senhor está aí? Ouvimos dois tiros, lá de baixo. Abra, seu Armando - (afastando) Abra!

OPERADOR - CORRIDO DE HABITAÇÃO

Armando - (Velho, narrando) Fui preso em flagrante e condenado, principalmente, pelo depoimento que minha mulher e minha filha ^{deram de mim} deram contra mim. Fiquei muitos anos esquecido, mas um dia, inesperadamente, minha filha, me apareceu ^{na prisão, mãe!} para pedir perdão do que fizera. A mãe, acometida de uma enfermidade incurável, confessara-lhe, antes de morrer, o quanto havia sido ingrata comigo e tudo o que eu fizera por amor à minha Consuelo. E foi então que me disse:

Consuelo - (mais velha) estou casada há dezasseis anos e sua neta, Consuelinho, se casará na semana que vem, com um oficial do exército. Um ótimo rapaz, por sinal. Foi transferido para o Mato Grosso e não quis ir só. Meu marido está trabalhando para libertá-lo antes do casamento, afim de que o senhor ~~XXXXXXXXXX~~ possa assisti-lo.

Armando - (velho, narrando) Infelizmente, porém, essas coisas demoram sempre e eu não pude experimentar o prazer de ver minha neta à frente do altar, mas ela veio aqui me dar um abraço antes de embarcar. (TOM) Se vissem como está bonita!... Igualzinha à mãe, quando tinha essa idade. (TOM) Dizei que dentro de dez dias estarei livre e minha filha virá buscar-me para morar com ela. Estou contente, sabem? Amarguroso bastante, é verdade, quando penso no que fui obrigado a fazer, para salvar minha filha da vergonha e da ruína, mas creiam no que lhes vou dizer: não estou arrependido do que fiz. E si fôsse preciso repetir outra vez, para tornar a salvá-la, eu usaria da mesma forma, mesmo sabendo que teria que passar mais vinte anos na terrível solidão deste presídio.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO 3º ATO.